

Entre a inépcia e a esperteza

O presidente Sarney não teve oportunidade de fazer um verdadeiro discurso de inauguração do seu mandato presidencial de própria lavra. Sejamos justos. As circunstâncias históricas prefligaram-no. Ele leu o discurso preparado pelo falecido não-presidente Tancredo Neves.

Deve ser por isso, por esse defeito original, que ele pegou a maia de "inaugurar" o seu governo a cada novo discurso. Na terça-feira, pela terceira ou quarta vez, tivemos a impressão que o governo estava começando — foi mais um discurso "inaugural".

De duas uma: ou era um discurso humilhante para todos os ministros — menos o ministro Bresser Pereira —, por recomendar e exigir coisas que qualquer ministério decente, com dois anos de idade, já deveria ter providenciado, ou era um discurso dirigido apenas ao ministro Bresser Pereira, o único em estado de "inauguração".

Mas, afinal, nem é isso que tem importância.

O presidente Sarney mais uma vez revelou sua dissintonia com o que a Nação e a opinião pública esperam dele. Tem sido assim desde o começo. A Nação esperava dele que presidisse a Constituinte e fizesse eleições diretas completando a transição política no prazo mais breve possível. A Nação não esperava dele nem reforma de base nem revolução social — que ele resolveu empreender antes de completar a transição política.

O resultado está aí: temos um desastre econômico-social em marcha e a transição política incompleta. Precisaremos de muita sorte para sair dessa sem maiores traumas.

Na verdade, estamos diante de um problema banal nos países avançados e nas democracias consolidadas, e que mesmo no Brasil já foi superado sem grandes danos em circunstâncias diferentes. O problema é que temos um presidente totalmente incompetente e extremamente esperto. Fato que nos coloca diante de uma singular conjuntura. O caos administrativo se amplia e se aprofunda enquanto, ao mesmo tempo, o cargo e o mandato do presidente se consolidam e se estabilizam. Fenômeno que mais de uma empresa privada conhece nas suas diretorias.

A esperteza tem se revelado, inegavelmente, no desarme de todas as tentativas de cercá-lo, cerceá-lo, enquadrá-lo ou tutelá-lo. Ele escapa de todas e dá a volta por cima. Jogou os governadores contra a Constituinte, embaralhou o PMDB, driblou Ulysses e Covas, evoluiu os militares, confundiu os sindicatos, os trabalhadores, os empresários, deixou os credores externos e o FMI atônitos — enfim, é um azougue, um verdadeiro moleque de engenho.

Infelizmente, a incompetência também tem se revelado na total incapacidade de traçar uma diretriz correta ou de levar a bom termo qualquer iniciativa, mesmo as incorretas. A Norte-Sul é uma iniciativa incorreta, óbvia, mas nem mesmo isso vai sair, dada a inqualificável incompetência com que até o cambalacho está sendo conduzido. Não se fazem mais velhacos como antigamente.

A reunião no ministério foi uma verdadeira pândega, em termos de iniciativa para exorcizar o pessimismo e os maus vaticínios. E o plano de consistência macroeconômica do novo ministro, onde trouxeram algumas tênues esperanças dos últimos otimistas, já começou a ser torpedeado antes de ser revelado, pelo próprio porta-voz da Presidência.

Nenhuma Nação e nenhuma democracia estão isentas de dificuldades incompetentes. Aliás, é até um teste para os regimes mauros. Ronald Reagan e Margaret Thatcher não se incluem, certamente, entre os grandes exemplos históricos de tirocínio e inspiração correta. Ao contrário, estão no time oposto. Exatamente por isso as sociedades avançadas criaram mecanismos e instituições (que funcionam destinadas a protegê-las dos danos dos grandes incompetentes. Nós ainda não desenvolvemos essa rede de proteção. E no momento atual cresce que o tirocínio, a inspiração e a clareza de visão do chefe da Nação tornaram-se fatores cruciais, exatamente porque estamos numa transição. Não temos isso, é óbvio. Azar nosso. E paciência. Ninguém pode impedir um terremoto. A única coisa a fazer é cada um cobrir-se da melhor maneira contra os possíveis danos e reparar-se para reparar os males. Infelizmente, nesse jogo, os que têm menos condições de cobrir-se e de se preparar são justamente aqueles alegadamente beneficiários do desvario e da incompetência. Os pequenos e médios empresários de todo o País que o digam.

Nessa barafunda toda uma só coisa é positiva: a balança comercial está melhorando rapidamente. Não é pouca coisa dado o apelo crítico do saldo comercial no alívio das tensões internas. Benza Deus!